

PENSAMENTO ALIENÍGENA

Aspectos sociológicos das migrações

EMORY STEPHEN BOGARDUS
(Tradução de Joaquim Silveira e
Carlos Dodsworth Machado)

Emory Stephen Bogardus, *sociólogo ilustre e conceituado, ocupa a cátedra de Sociologia da "Southern California University". Escreveu em 1913 um livro de Sociologia que mereceu edições sucessivas em 1917, 1922 e 1941. A editora "The Macmillan Company", editou-o, novamente, em: 1943, 1944 e 1945, o que já constitui uma demonstração do valor da obra.*

Em 1928, o autor escrevia "Immigration and Race attitudes", e no seu livro de Sociologia, edição de 1945, encara novamente o assunto num capítulo sobre "O grupo racial". O interesse do tema e o modo como soube focalizar a importância das migrações como fator de estruturação, conflitos e assimilação de raças, dá ao trabalho que se vai ler, o caráter de um documento indispensável à perfeita compreensão das migrações sob o ponto de vista sociológico.

Além disso, aos países de imigração, a efetiva integração do alienígena à comunidade constitui o cerne de uma racional política imigratória.

A Sociologia fornecendo elementos para o "processus" incorporativo do advena ao grupo social e para a solução dos problemas sociais originados pelas migrações, favorece o desenvolvimento e progresso do país, inspirados na harmonia e equilíbrio da vida social. (Nota dos tradutores).

TODO indivíduo possui tradições, preconceitos e orgulho racial. Até mesmo as crianças julgam pertencer a uma raça melhor, sendo relativamente pequeno o número de pessoas que compreendem a impossibilidade de uma raça qualquer ser a melhor.

Em face da circunstância de se orgulharem quase todas as pessoas da raça a que pertencem, torna-se muito fácil o aparecimento de conflitos raciais, especialmente quando cada um defende premissas, em parte falsas, sobre a própria raça. Ao ouvir o elogio das qualidades de sua raça, adquire o indivíduo sentimentos de superioridade racial, mas se a atacam por qualquer motivo sente despertar em si o antagonismo racial.

E' provável que a raça humana tenha tido uma origem comum em regiões que se estendem da Inglaterra a Java, mas os seus grupos primitivos espalharam-se em várias direções. Estes aborígenes fixaram-se e desenvolveram-se nas diversas áreas habitáveis do globo. Como resultado de diferentes condições físicas, climáticas, ecológicas, psíquicas e sociais, os povos primitivos criaram culturas separadas e diferenciaram-se cada vez mais uns dos outros, tomando, com o aparecimento da etnologia, nomes raciais definidos.

A migração foi a causa fundamental da estruturação, reestruturação, conflitos e inclusive assimilação das raças. Em grande parte foi ela responsável pela criação de novas raças, pela invasão de uma raça à área ocupada por outra, e pela separação do gênero humano em vários centros de população.

MIGRAÇÃO RACIAL

Muitos grupos sociais se compõem de duas classes — os nativos e os imigrantes —, os nascidos dentro do grupo e os que vieram de fora. Os nativos foram denominados membros genéticos e os imigrantes, congregados. Os invasores apresentam características especiais quando provêm de outros grupos e trazem consigo tipos diferentes de cultura.

O homem foi sempre "um nômade na face da terra". Desde as épocas mais antigas, tem andado de um lado para outro em busca de melhores condições de vida. Sempre esteve mais ou menos insatisfeito com sua situação, sentindo que se estivesse em outro lugar teria melhores oportunidades e seria mais feliz. A sociedade parece ser construída por muitas pessoas nas quais é inerente este espírito de inquietação e insatisfação. Realmente, as pessoas que se satisfazem com pouca coisa só raramente se desenvolvem por completo. A civilização é em grande parte o produto de atitudes ambiciosas, cheias de esperança e energia. Os indivíduos que procuram melhores oportunidades são inclinados a emigrar.

A principal causa das migrações é, talvez, a econômica, que decorre do desejo de obter melhores condições de vida. Entre os povos primitivos a fome constituiu uma força primária que impulsionou a raça humana. Mais tarde, o imigrante tornou-se "um indivíduo que vende o seu trabalho, procurando um mercado mais favorável". Desde que se tornaram manifestas as vantagens econômicas existentes nos Estados Unidos, Canadá, Argentina, Austrália, Nova Zelândia e Brasil, estes países passaram a ser no século passado os principais centros de imigração do mundo. Por outro lado, a Itália, Alemanha, Polônia, países eslavos do Sul, países escandinavos, Inglaterra e Irlanda, colocaram-se entre os principais países de emigração. A opressão política, as perseguições religiosas, a ânsia de aventuras e o desejo de reunir-se aos parentes, aliados à insatisfação econômica, são as principais causas da migração.

De início, a migração caracterizou-se, pelo *nomadismo* sem finalidade, como sucedeu com as tribos primitivas, que se deslocavam de um vale para outro em busca dos alimentos para si e seus rebanhos (1). Às vezes tal migração tomava características de *nomadismo em massa*, pois populações inteiras se deslocavam lentamente de uma região a outra da terra, como foi o caso dos Hunos na Europa (2).

Outras vezes a migração era *forçada*; povos mais fracos ou grupos perseguidos eram exilados

ou expulsos de um país e obrigados a buscar refúgio em outros lugares. Foi então que surgiu o período chamado de *colonização*, no qual durante três séculos, a começar em fins do século XVI, as nações enviaram oficialmente pequenos grupos de indivíduos como colonizadores, com o fim de tomarem posse de determinadas regiões, em nome da mãe pátria (4).

A *imigração* é um movimento não oficial de pessoas, seja individualmente ou por famílias, que se deslocam por iniciativa própria de um país para outro, geralmente para um país mais jovem, com o fim principal de melhorar suas condições de vida (4). Toda vez que as vantagens econômicas de dois países são desiguais, os emigrantes procuram o mais favorecido, sempre que não haja restrições. Quando as vantagens se tornam mais ou menos equivalentes, diminui o movimento imigratório. A imigração tem diminuído bastante, em virtude de já estarem povoados os países mais novos do mundo, ocupadas as suas terras livres e explorados os seus recursos naturais.

Entretanto, milhões de pessoas que vivem pobremente na Índia, China e outras partes do mundo, emigrariam em massa se soubessem de outros países onde as condições de vida fossem mais favoráveis e se para tanto recebessem a ajuda necessária. Quase todos os principais países do mundo que receberam imigrantes sofreram depressão econômica, desemprego em grande escala e aumento da pobreza nos últimos anos. Daí, haverem criado barreiras legislativas contra os imigrantes. Tais barreiras constituem outro importante fator do recente decréscimo observado no movimento imigratório.

Nomadismo, migração em massa, migração forçada, colonização, imigração — todas estas formas dos movimentos de população, foram desaparecendo, cada uma em sua época. Se a última — a imigração — já está chegando ao seu término, qual será o resultado dos conflitos raciais e que nova forma tomará a migração?

No momento em que são postas em prática as restrições à emigração, o rádio começa a trans-

(1) Esta análise dos tipos de migração é baseada em A. C. HADDON — "Wanderings of Peoples" — (University Press, Cambridge, England, 1911).

(2) Cf. HENRY P. FAIRCHILD — "Immigration" (The Macmillan Company, New York, 1925), pg. 13-17.

(3) Cf. A. G. KELLER — "Colonization" — (Ginn and Company, Boston, 1908).

(4) Cf. FAIRCHILD, op. cit., p. 26. N. T. — Evidentemente deixar o autor desta definição de considerar o moderno aspecto das migrações que são colocados sob a tutela oficial dos Estados interessados, e que constituem as chamadas "migrações dirigidas".

mitir através do ar as idéias de um grupo cultural para outros grupos. A legislação paralisa a migração de povos, mas o rádio multiplica a migração de idéias e outras manifestações culturais. Cedo ou tarde ninguém necessitará mais emigrar em busca de oportunidades nos outros países. Já que se transmitem pelo ar programas culturais de um país a outro, passando por cima das fronteiras nacionais e das barreiras migratórias, haverá forçosamente um nivelamento de todas as culturas. A migração em declínio tenderá a liquidar os conflitos raciais; as irradiações internacionais cada dia mais amplas, se mantidas num nível construtivo, promoverão a boa vontade e sentimentos afins, e talvez a unidade cultural. A aviação comercial estende também pontes entre as diversas culturas. Ela está tornando cada vez mais necessária uma língua comum para os povos. Se diminuísse o número de idiomas, a difusão da cultura se realizaria mais facilmente, sempre que outros fatores não se modificassem.

Infelizmente, a ascensão do totalitarismo paralisou a difusão da cultura. Observam-se duas tendências evidentes. Uma é a supressão da liberdade de palavra, a outra, a proibição de ouvir programas estrangeiros, a proibição de entrada de jornais e revistas estrangeiros, e as dificuldades criadas aos que desejam viajar para o exterior. Assim, o totalitarismo está dificultando em escala internacional o processo de difusão cultural.

A migração é também um importante fenômeno social dentro dos países, de vez que os indivíduos se deslocam amplamente das zonas rurais para as urbanas; de certa parte de uma cidade para outra; da cidade para as regiões rurais. Num país de grande extensão territorial tal migração põe em contato, conflito e acomodação, diferentes tipos de cultura e de povos.

O indivíduo que muda de grupo social, levando consigo tipos de cultura diferentes dos do grupo a que se destina, dá lugar ao aparecimento de variados problemas. Quanto maior for a diferença dos tipos culturais ou dos valores, maiores serão os problemas. Quando entram em contato diferentes níveis de vida, diferentes modalidades de orientação governamental e crenças religiosas diversas, surgem os problemas do ajustamento.

São numerosos os problemas industriais decorrentes da migração. Muitas vezes o imigrante passa dificuldades enquanto procura trabalho acei-

tável e salário satisfatório. Na medida em que lhe forem agradáveis as condições de trabalho, o imigrante irá aprendendo a amar a nova pátria e crescerá o seu desejo de adquirir a nova cidadania. Se tais condições são desagradáveis ou se o imigrante é mal tratado ou explorado, torna-se desconfiado e adquire a consciência da injustiça que sofre. Volta-se para o radicalismo e a revolução, e não se sentirá ligado por nenhum sentimento de lealdade ao país para o qual emigrou.

As condições de vida constituem também um problema para o imigrante. Nos Estados Unidos o influxo de imigrantes durante várias décadas foi dirigido para os centros superpovoados. O imigrante acha que as habitações congestionadas das grandes cidades constituem um problema mais sério do que a pobre casa da zona rural de onde veio. Além disso, talvez haja colocado as suas esperanças num plano muito alto e, em consequência, sofre um grande abalo ao verificar que as condições de vida não são melhores que as de seu torrão natal, e às vezes até piores.

São numerosos e complexos os problemas sociais dos imigrantes. Se o imigrante não conhece a língua do país que adota, fica isolado e sente dificuldade para compreender muitas das suas manifestações culturais. Existe na realidade uma barreira entre imigrantes e nativos quando nenhum dos grupos fala a língua do outro. Surgem facilmente incompreensões, resultantes das diferenças de culturas. O estrangeiro e o imigrante são geralmente encarados com prevenção. Este sentimento se exprime geralmente em atitudes irônicas de desprezo e às vezes de zombaria. Surge então o problema dos conflitos raciais.

CONFLITOS ENTRE GRUPOS RACIAIS

Onde quer que coexistam em grande quantidade grupos raciais acentuadamente diversos entre si, os problemas raciais podem tornar-se insuperáveis. Uma raça caracterizada por diferenças físicas assemelha-se a uma ocupação que não pode ser substituída. A raça cujos membros despertam

reações sensoriais negativas nos outros, sente o agulhão da *antipatia*. Em geral, as pessoas contra as quais se costuma exprimir antipatia nada podem fazer para modificar tal estado de coisas; consideram geralmente quase impossível minorar ou vencer tal antipatia, particularmente se resultar da cor da pele ou do ângulo facial. A antipatia indica que o processo fisiológico foi despertado.

O imigrante que faz concorrência ao nativo na procura de seu sustento, de uma ocupação, habitação, ou em qualquer forma de atividade social, econômica, política, religiosa, educacional —, sofre a amargura das prevenções levantadas contra êle e que às vezes se tornam insuportáveis. Afastada a competição, diminuem os preconceitos raciais. São bem ponderáveis as duas causas inteiramente diferentes da antipatia e dos preconceitos; ambas precisam ser consideradas separadamente, mesmo quando se usa a expressão geral ou inclusiva de antagonismo racial.

Algumas pessoas gostariam de demonstrar não terem preconceitos raciais mas as circunstâncias o impedem. Preferem ignorar as suas tendências humanistas a sofrer prejuízos de caráter econômico ou social. Vejamos a seguir uma clara exposição de tal estado de coisas:

“E’ certa a afirmação de que deixar os japoneses e negros se aproximarem daqui iria diminuir o valor de nossa propriedade.

O problema é muito mais econômico do que ético. E agora, com os negros ao nosso lado, os brancos já não comprarão tão facilmente uma propriedade nesta quadra. Entretanto, o problema não é só econômico. Os moradores dêste distrito há muito que vivem aquí e sentem-se perfeitamente à vontade. Nós, por exemplo, moramos nele há 31 anos. Outros, há mais tempo ainda. Nossa impressão é de que, se os japoneses e negros não se tivessem aproximado tanto de nós, tôdas estas propriedades se teriam desenvolvido até perto do Estádio e do Parque. Êste é um lugar muito agradável para se viver mas a vinda dêles tornou-o menos cobiçado.

A situação torna-se também difícil para nós. Se queremos fazer empréstimos sôbre nossa propriedade, por exemplo, os bancos hesitam em emprestar sôbre propriedade invadida por negros ou japoneses...

Nós, os habitantes dêste distrito devemos manter-nos unidos, pois é claro que se um vizinho qualquer vender a sua casa a um negro ou japonês, a minha propriedade imediatamente se desvalorizará de pelo menos mil dólares.” (5).

(5) Do livro “The Changing Urban Neighborhood”, de Bessie A. McClenahan (University of Southern California, Los Angeles, 1929), n. 85.

Muitas vezes um indivíduo que proclama não possuir preconceitos raciais é dominado pelo de tipo mais arraigado. Aprendeu a defender a sua situação mantendo os membros de outra raça “no lugar que lhes corresponde”, e não tem consciência do caráter sério de seu antagonismo racial. Vejamos o seguinte caso:

“Não tenho preconceitos de cor. Sempre tive empregados e governantas negros para meus filhos e gosto dêles. Nunca observei qualquer manifestação de deshonestidade de sua parte. Meu marido tem 7 empregados negros e sua experiência com êles é igual à minha. Não me importa ter como vizinha ou morando no outro lado da rua uma família de negros, mas se êles vierem para êste lado da rua eu naturalmente me mudarei.

Gosto dos negros, são excelentes pessoas mas não reconhecem o seu lugar. E’ muito natural que eu convide os filhos da negra, que trabalhou para mim durante 20 anos, para virem ver a nossa árvore de Natal; mas na semana seguinte vêm êles e convidam os meus filhos para irem ver a sua árvore. Isso mostra a que ponto êles tem noção do lugar que ocupam; como poderia eu permitir que meus filhos descessem à zona dos negros para verem a sua árvore?” (6)

O conflito racial de maior extensão do Hemisfério Ocidental é o existente entre os brancos e negros nos Estados Unidos. Teve início em 1619 quando comerciantes holandeses venderam a colonizadores da Virgínia alguns negros como escravos. Os males da escravidão passaram a merecer da parte da opinião pública uma atenção crescente em meados do século XIX. Nesta época a escravidão tornava-se inútil do ponto de vista industrial, ao competir com o sistema de salários. Foi severamente atacada pelos abolicionistas e finalmente abolida durante a Guerra Civil. Com a liberdade veio o sufrágio, permitindo-se aos negros analfabetos subirem ao poder, ao lado dos brancos do Sul, que gostavam daqueles unicamente como escravos e enquanto permanecessem “em seu lugar”, isto é, num nível social caracterizada mais baixo. Era-lhes insuportável a idéia de se verem governados por negros, resultando daí que em numerosas regiões do Sul do país os negros perderam praticamente o direito de voto.

A escravidão, em seguida a liberdade, e depois uma extensiva volta à escravidão — eis a seqüência dos acontecimentos até que Booker T. Washington acrescentou um quarto fator, ou seja a educação industrial. Nos começos do século atual o programa de B. T. Washington teve grande de-

(6) Idem, p. 84.

envolvimento. Êle queria em primeiro lugar a eficiência industrial e depois a profissional, afirmando que, à proporção que o negro fôsse demonstrando capacidade, valor e espírito de colaboração, o antagonismo do branco iria desaparecendo gradualmente. Nas relações em sociedade os dois grupos raciais têm que permanecer separados como os dedos das mãos, mas em outros setores devem trabalhar em conjunto (7). Ao demonstrar o seu valor, o negro pode ir destruindo o antagonismo dos brancos.

Uma tendência recente consiste em reunir as alas conservadoras e radical da raça negra tendo em vista uma causa comum. Os conservadores estão tornando-se de certa maneira militantes ativos e os radicais, moderando os seus pontos de vista extremados. Desta forma os negros se apresentam mais unidos do que no passado e impor-se-ão cada vez mais pelo seu valor.

No momento atual podemos "antecipar uma crescente tolerância nos círculos intelectuais e cosmopolitas", mas há poucos motivos para se esperar "ver a repetição dêste fato em qualquer outro lugar", segundo a opinião de uma autoridade em questões raciais (8). Nas atuais condições, o Dr. Reuter não vê solução para o problema do negro. Pensa, entretanto, que mais tarde os negros, como tais, desaparecerão da população, em consequência da mistura de raças, ficando solucionado o problema racial (9).

Um observador estrangeiro, o sr. B. Schrieke, da Holanda, após um cuidadoso estudo do negro e de seus problemas, conclui que as relações entre negros e brancos estão atualmente estacionárias (10). Diz êle que a psicologia da plantação ainda persiste no Sul, embora esteja em desenvolvimento uma nova economia industrial. Foram-se modificando as relações sociais que existiam nas plantações. O Dr. Schrieke observa entretanto que "há uma identidade de interesses entre brancos e negros" (11).

(7) BOOKER T. WASHINGTON — "Up from Slavery" (A. L. Burt Company, New York, 1900), p. 221.

(8) E. B. REUTER — "The American Race Problem" — (Thomas Y. Crowell Company, New York, Revised Edition, 1938), p. 419.

(9) Idem.

(10) "Alien Americans" (The Viking Press, New York, 1936) p. 193.

(11) Idem, p. 191.

A primeira guerra mundial e os acontecimentos de após guerra vieram aumentar a distância social entre os brancos e negros nos Estados Unidos. 400.000 soldados negros pertenceram às Fôças Expedicionárias Americanas; dêles a metade esteve na França. Disseram-lhes que lutavam pela democracia. Com surpresa sua, verificaram que na maior parte do povo francês e italiano não havia a "linha de côr", especialmente entre as populações do campo. Sua surpresa, foi maior, no entanto, quando com tristeza e amargo presentimento constataram em sua volta aos Estados Unidos que a linha de côr tornara-se mais acentuada ainda do que quando partiram cheios de esperanças para combater "pela vitória da democracia no mundo". Êste ressentimento espalhou-se por quase todos os negros e culminou numa perigosa inquietação social, contra a qual se opuseram o recrudescimento das atividades do Ku Klux Klan, as "batidas" noturnas e outros ameaçadores movimentos dos brancos. Em tais atividades se utilizou o terror como arma de contrôle social, mas o terror apenas abafa a voz da revolta, agravando o problema. Não só nada resolve como multiplica o sentimento de injustiça daqueles contra os quais é dirigido.

Uma das piores modalidades de conflito entre grupos raciais é o linchamento e o motim. O terror e a brutalidade são instrumentos desprezíveis de contrôle social. Além de não resolverem com justiça as dificuldades, despertam ódios violentos e duradouros. Criam uma atmosfera muito tensa, na qual os problemas raciais correntes tornam-se de difícil solução.

Enquanto o linchamento for considerado ofensa local e os linchadores julgados em tribunais locais, não poderá haver justiça. O juri local absolverá os seus concidadãos porque pensa como êles. Quando o linchamento é considerado uma ofensa federal e julgado numa côrte federal, a certa distância do lugar em que foi praticado, melhoram enormemente as possibilidades de julgamento imparcial. O linchamento é uma forma de intimidação, má em si mesma, e infringe as leis do país (12).

(12) Veja-se a recente exposição das leis nos Estados Unidos referentes ao linchamento em "Lynching and the Law", de J. H. Chadbourn (University of North Carolina Press, Chapel Hill, 1933).

O melhor método de tratar o "problema negro" (como afirmam os brancos) e o "problema dos negros" (como o denominam os negros) é a criação de comitês conjuntos locais em cada comunidade onde residem brancos e negros. Nos Estados do Sul, pelo menos 800 comitês inter-raciais foram criados, em geral sob auspícios religiosos: destes, talvez a terça parte obteve resultados valiosos. Os brancos do Sul tomaram a iniciativa, escolhendo negros conservadores para trabalharem com eles no mesmo comitê. As reuniões de brancos liberais e negros conservadores podem aplinar muitas dificuldades, e o que é mais importante, criar boa vontade, enquanto os brancos conservadores do Sul e os negros radicais nem sequer poderiam reunir-se em torno de uma mesa. Quando líderes brancos e negros, experientes e de espírito arejado, se reúnem em torno de uma mesa para discutir com boa fé os problemas de uma comunidade que lhes afetam mutuamente, os resultados são incomparavelmente superiores aos que se conseguem deixando que tais dificuldades sejam resolvidas por meio de motins raciais, que são iniciados em geral pelos provocadores de cada uma das raças em conflito. Na base de tais conferências locais e ajustamentos será possível elaborar métodos para resolver os problemas raciais em larga escala. A seqüência lógica para o processo de ajustamento racial consiste em partir do concreto, específico e local para o geral, nacional e internacional.

A antipatia racial só pode ser vencida com experiências agradáveis, e os preconceitos de raça, eliminando-se a competição. Muitos antagonismos raciais surgem de incompreensões e da ignorância do valor potencial da "outra parte". Quando o negro deixa que o seu crescente merecimento fale por si mesmo e é capaz de construir o seu próprio progresso sem criar competição, e quando os brancos tratam os negros segundo os seus méritos, os problemas raciais ficam em condições de obter solução satisfatória. Se o problema do negro pode ser resolvido, todos os outros problemas raciais também o poderão, pois nenhum é mais difícil de abordar do que aquele (13).

Por sua vez, os brancos têm responsabilidade definida e que consiste em serem capazes de re-

conhecer o verdadeiro valor, capacidade e as qualidades que inspiram confiança, onde quer que se encontrem, independente da cor dos que as possuem. É costume dizer-se que na democracia se permitirá e estimulará no negro o direito de voto, logo que para isso estiver realmente habilitado. Seria interessante no caso a criação de um "test" educativo, pois o simples fato de uma pessoa ter nascido num país e atingido os 21 anos de idade não implica que haja adquirido competência para votar. Evidentemente, um "test" educativo necessitaria ser aplicado indiscriminadamente a todas as pessoas, caucasianos, negros, indianos, imigrantes. Afirma-se que, quando o negro alcança os mais altos níveis educativos, o seu índice de natalidade decai para o nível do da raça branca, deduzindo-se daí que se pode fazer justiça política sem criar problemas especiais.

Por outro lado, o negro deve assumir uma responsabilidade especial, ou seja, deve colocar o seu caso em função de suas capacidades e méritos, em vez de tentar resolvê-lo por meio de planos pretenciosos e de resistência passiva. Grande parte dos preconceitos raciais surge quando a raça menos desenvolvida faz ostentação de seus êxitos diante do grupo mais desenvolvido. Aqui há um círculo vicioso, pois quando a raça mais avançada "domina" a outra, esta se julga em condições de tirar a desforra com a arma mais poderosa à sua disposição — a presunção de superioridade baseada no pretexto mais insignificante —, cuja reação, por sua vez, desenvolve o espírito de "domínio" do grupo mais avançado, simplesmente como mecanismo de defesa.

Há poucos anos, os adversários negros de E. T. Washington obtiveram grandes conquistas, sob a hábil direção de homens como o Dr. W. E. B. DuBois. A oposição conclamava o negro a defender os seus direitos e a combater vigorosamente as injustiças cometidas contra a sua raça. Somente assim, afirmava-se, pode o negro obter as oportunidades reais de que precisa. Somente assim, a raça branca atenderá aos justos reclamos dos negros. Qualquer outro processo menos violento não tirará o negro da escravidão dos salários e da situação de inferioridade em que vive. Entretanto, este processo pode agravar facilmente os conflitos raciais e conduzir a distúrbios sangrentos.

(13) Veja-se no "Journal of Educational Sociology", VII, p. 149-805 uma valiosa coletânea de oito artigos sobre o ponto de vista do Instituto Tuskegee.

CICLOS DAS RELAÇÕES ENTRE AS RAÇAS

Quando as raças de traços físicos e características culturais semelhantes se juntam sem competir uma com a outra, ocorre a assimilação. Quando raças bem diferentes em suas características físicas, culturais ou em ambas, entram em contato ou fazem mútua competência, surge um conflito que atravessa um ciclo definido de relações (14).

1) Os forasteiros de uma raça estrangeira são olhados em primeiro lugar com *curiosidade*. Despertam um sentimento de simpatia. Suas peculiaridades de estrangeiro, ao lado de seu pequeno número e da impressão de desamparo que causam, fazem nascer em seus semelhantes um cáldo interêsse por êles. Pode-se ter piedade e até rir dêles, mas de maneira amistosa.

2) Se êle vem para realizar trabalhos que os nativos acham desagradáveis, encontra boa vontade, particularmente dos empregadores. Êstes o vêem como uma fonte de “mão de obra barata” e estimulam-no no sentido de que chame mais compatriotas seus para o mesmo trabalho. Se os salários forem mais elevados que os do país de origem, os seus concidadãos virão em grande quantidade.

3) Com a chegada de muitos imigrantes, especialmente, se esta se processa com rapidez, surge o antagonismo industrial. Quando os trabalhadores nativos verificam a baixa do nível de salários em virtude da competição dos imigrantes, êstes vêem nascer imediatamente o antagonismo. Inicia-se a propaganda e elevam-se as chamas dos preconceitos até que os forasteiros são cercados pela desconfiança, terror, e às vezes ódio. Frequentemente, tais campanhas são dirigidas pelas organizações sindicais.

4) Logo depois surge o antagonismo político. Os políticos vêem a possibilidade de conquistar votos dos nativos atacando os perigosos estrangeiros. Atacam-nos impiedosa e despreocupadamente, pois, não podendo naturalizar-se durante os primeiros 5 anos de estadia no país, não podem os imigrantes votar. São êles descritos como portadores de costumes depravados ou como pais de hordas de crianças que um dia adquirirão o direito de voto para utilizá-lo em favor da pátria.

de seus progenitores. Entram em ação sociedades patrióticas contra os estrangeiros.

5) Cedo ou tarde surge o antagonismo social. Os nativos opõem-se à presença dos filhos de estrangeiros na mesma escola em que seus filhos estudam. Lamentam-se as baixas condições em que vivem os estrangeiros, porém se alguns dêstes, mais progressistas, desejam melhorar de situação e tentam uma aproximação de boa vizinhança, sofrem explosões de amargo antagonismo.

6) O antagonismo legislativo é o climax de tal estado de coisas. Coordenam-se tôdas as forças antagonicas, a fim de que sejam votadas leis restritivas. Algumas vezes, elas impedirão os imigrantes de entrar no país; outras, proibirão a aquisição de propriedades. De qualquer forma, ergue-se uma barreira no caminho dos “indesejáveis imigrantes”.

7) Segue-se um período de calma. Passado o perigo, cessa o antagonismo. Chega-se até a dispensar certa amizade aos imigrantes, cujo aumento pela migração foi paralisado. Os preconceitos cedem lugar à indiferença e em alguns casos a um interêsse cordial. Permite-se aos perseguidos imigrantes viverem da melhor forma que puderem, mas já com as asas cortadas.

8) Por último, surge o problema da segunda geração. As crianças vão crescendo como indivíduos sem pátria. Em teoria, são cidadãos de duas pátrias, mas na realidade estão sem contato com o país de seus progenitores e não são aceitos completamente pelo país em que nasceram. Aprendem a língua e os costumes dêste mas não são aceitos porque se parecem com o país, sendo tratados portanto, como estrangeiros. Ao mesmo tempo, libertaram-se das atitudes e hábitos dos pais, de tal forma que em parte são desconhecidos por êstes, e jámais ficariam satisfeitos em retornar definitivamente à pátria de seus progenitores.

9) O problema da terceira geração repete o da segunda, sendo entretanto, menos severo. Os elementos da terceira geração se parecem mais aos nacionais do país adotado que os da segunda, na aparência pessoal, tipo físico e características culturais. Há muito menos probabilidades de que sejam tomados como estrangeiros; têm maiores oportunidades e no conjunto suas dificuldades foram consideravelmente atenuadas. Estão no caminho da assimilação e da aceitação geral, mas ainda têm muito que andar.

(14) Baseado numa análise feita pelo autor no “American Journal of Sociology”, XXXV, p. 612-617, sob o título “A Race-Relations Cycle”.

Quais são algumas das causas dos antagonismos raciais? Respondendo a esta pergunta, não tivemos a preocupação de colocar os diversos fatores na sua ordem de importância.

1) A competição econômica e social é um fator corrente. As pessoas que temem os imigrantes como reais ou possíveis competidores adquirem preconceitos contra eles. Há vinte anos, os imigrantes japoneses eram muito temidos na Califórnia como competidores econômicos, surgindo então contra os mesmos fortes preconceitos. Algumas pessoas não gostam de ter como vizinhos elementos de certas raças, com medo de que baixem o preço de sua casa; daí, adquirem preconceitos raciais.

2) Outra causa especial de antagonismo racial está na impressão sensorial desagradável que despertam certas pessoas. Se não gostamos da cor da pele, do tipo de pestanas ou do nariz dos indivíduos de outra raça, é provável que sintamos antipatia por eles. Se alguns estão sujos, com as vestes rasgadas, com aspecto pessoal repulsivo, sentiremos antipatia racial. Em virtude dos preconceitos e antipatias raciais terem origens inteiramente diversas, aqueles na competição e estas nas reações sensoriais desagradáveis, para evitá-los ou superá-los são necessários dois métodos de tratamento completamente distintos.

3) Relacionado de certa forma com o fator precedente está o baixo nível cultural de certas raças. Os costumes rudes de algumas raças atrasadas são muitas vezes causa de antipatia racial. Além disso, se consideramos apenas os elementos "sem cultura" de determinada raça, somos levados a sentir antipatia pela raça no conjunto, embora seja ela avançada.

4) Estreitamente relacionado com o último ponto mencionado há o que se denominou erro particularista. Ou, em outras palavras, se tivemos uma experiência particular desfavorável com um elemento de outra raça, somos em geral levados infelizmente, a generalizar, afirmando que todos os seus membros são indesejáveis e não merecem confiança (15).

(15) Felizmente, esta tendência influi também sobre a outra parte, pelo menos em algumas pessoas. Em outras palavras, uma boa experiência com um elemento de outra raça pode despertar sentimentos amistosos para com este grupo.

5) A experiência ensinou muita gente a tratar os elementos de outras raças com precaução, suspeita e inclusive medo. Os estrangeiros são temidos quando considerados competidores sérios.

6) A idéia de raça superior é muitas vezes o principal motivo dos antagonismos raciais. Se achamos que nossa raça é superior às outras, então as olharemos por cima dos ombros. A teoria da superioridade racial conduz ao conceito de inferioridade racial. Em consequência, algumas pessoas chegam ao extremo de atribuir a certas raças epítetos desagradáveis e infelizes, contribuindo assim para a difusão dos antagonismos raciais. Qualquer elemento que pretenda competir com os da raça "superior" é imediatamente considerado antagonístico.

7) O uso de nomes inadequados para descrever as raças é outro fator de antagonismo racial. Tal prática começa freqüentemente nos locais de recreio das escolas e entre as crianças que brincam na rua. Talvez elas apenas repitam o que ouvem em casa — algumas expressões amargas em relação a outras raças. De qualquer forma, o efeito é desastroso, do ponto de vista racial. Às vezes usam-se apelidos pejorativos a fim de humilhar indivíduos e raças que têm valor como competidores. Outras vezes, tais apelidos são utilizados como resultante de reações desagradáveis causadas pelos elementos de outra raça.

8) Muitas vezes os pais condenam despreocupadamente em casa determinado elemento de uma raça ou esta no conjunto. Uma experiência racial desfavorável é pintada com certo ressentimento. Talvez todos se divirtam bastante à custa de uma raça que não tem nenhum de seus representantes ali para defender a sua reputação. Muito significativo é o fato de que as crianças porventura presentes aceitem sem espírito crítico o juízo desfavorável e adquiram sentimentos raciais de desprezo e ódio. O poder de sugestão indireta é não obstante mais forte e uma sobrelance levanta ou a inflexão especial da voz pode condenar uma raça inteira.

9) Os jornais são acostumados a assinalar os criminosos de outras raças, apontando-lhes a origem racial. Mas, quando os nacionais praticam os mesmos crimes, não se lhes menciona a raça. No primeiro caso, anuncia-se o crime como tendo sido praticado por "um negro" ou "um italiano";

no segundo, não se diz que o criminoso é "um americano". Desta forma, os leitores dos diários são facilmente levados a condenar elementos de outras raças, mas não se lhes ensina a reagirem contra a própria quando um de seus componentes pratica um crime.

10) Há também a tendência de desculpar os membros da própria raça quando cometem crimes. Ao mesmo tempo, em vez de perdoados, são aumentados os delitos de outras raças. Esta maneira de tratar com magnanimidade a própria raça enquanto se condena a dos outros, à mais simples provocação, cria antagonismo racial.

11) No cinema os componentes de outras raças são apresentados algumas vezes como "vilões". Desta forma, os espectadores são naturalmente inclinados ao temor e ódio, não só contra o vilão, individualmente, como também, de maneira muito mais séria, contra êle em sua qualidade de representante da raça. Exibem-se assim amplamente as características negativas de uma raça, enquanto se faz silêncio sobre as positivas, criando-se em vasta escala e de maneira desleal um antagonismo de raças com caráter relativamente duradouro (16).

12) A obstrução por parte de alguns membros de determinada minoria racial criará o antagonismo contra a raça inteira. A obstrução, sempre detestada, faz verdadeiros estragos nas relações entre as raças.

Estreitamente ligada à anterior é a agressividade, quando praticada por elementos de uma minoria racial. A agressividade pode ser simplesmente uma tentativa de abrir-se caminho, considerada do ponto de vista do chamado agressor. Entretanto, quando julgados pelo grupo majoritário, os elementos agressivos de um grupo minoritário são condenados. A maioria considera perigosa a agressão da minoria e indesejável toda a raça do agressor individual (17).

13) Outros rasgos de uma minoria racial que causam antagonismo são a irresponsabilidade, a velhacaria e os atos desleais e injustos. A irresponsabilidade ou desonestidade de um ou alguns

elementos é atribuída à raça inteira. Este último constitui uma característica absolutamente indesejável onde quer que apareça, porém é exagerado pelo grupo majoritário quando aparece numa minoria racial. A velhacaria é ainda pior: produz amargas reações de tipo racial. A prática de atos desleais é universalmente condenada. Uma minoria racial tem que estar duplamente em guarda até que alguns de seus membros liquidem com o antagonismo da maioria contra a sua raça.

14) O desejo de alterar e o temperamento azêdo são muito condenados e mais vistos, quando encontrados nos indivíduos de uma minoria racial. É comum as pessoas perdoarem tais defeitos dentro de seu círculo familiar, mas não quando os vêem em vizinhos turbulentos e impetuosos. Os imigrantes que possuem tais características são imediatamente acusados de nocivos. A polícia é chamada, surgindo em consequência profundos sentimentos de amargura e ressentimento.

15) As viagens são geralmente consideradas um valioso fator para o estabelecimento da tolerância racial, mas obtêm-se resultados contrários quando os que viajam não possuem a base necessária para compreender a cultura de raças rudes e atrasadas ou a de elementos mal educados e grosseiros pertencentes a raças mais adiantadas. Calcula-se que mais ou menos a metade dos indivíduos que viajam não compreende a conduta estranha, peculiar e inferior de alguns elementos em quase todos os países que visitam.

16) Todas as reações de tipo racial, amistosas e inamistosas, dependem da filosofia social das pessoas que as sentem. Experiências desfavoráveis podem ser interpretadas por um indivíduo como uma exceção e mesmo desculpadas. E experiências favoráveis podem ser interpretadas por outra pessoa, de maneira suspeita e inclusive assacadas contra toda uma raça. Se a filosofia social é baseada na tolerância, ampla simpatia, cosmopolitismo, fraternidade religiosa, as experiências raciais provavelmente serão de tipo amistoso. Se ao contrário, prevalece a filosofia oposta, então o antagonismo racial surgirá facilmente e dificilmente será eliminado.

CICLO DE BENEVOLÊNCIA RACIAL

Outra modalidade do ciclo das relações raciais começa 1) com o interesse curioso pelos no-

(16) A indústria cinematográfica já está tomando providências no sentido de eliminar este procedimento injusto.

(17) No fundo, a agressividade é uma forma de competição, conduzindo, portanto, aos preconceitos (veja-se o ponto n.º 1).

vos imigrantes, 2) com a recepção econômica amistosa”, transformando-se em seguida, não em antagonismo, mas 3) numa aprovação amigável 4) de ajustamento e acomodação, 5) de assimilação, aculturação, naturalização e 6) amalgamação. A essência deste ciclo encontra-se no tipo nativo a quem o imigrante aprendeu a conhecer e nas condições sob as quais se estabelecem os contatos. Este tipo de pessoa é conhecido por sua tolerância, boa vontade e cosmopolitismo. As condições favoráveis estão livres da competição, não surgindo portanto os preconceitos raciais.

Entre os fatores que conduzem à benevolência racial contam-se:

1) Rasgos culturais semelhantes. Preferimos associar-nos com raças semelhantes à nossa porque em geral elas adotam os mesmos valores sociais que nós. Sentimo-nos mais à vontade com pessoas como nós. Entretanto, o imigrante, embora pertença a uma raça semelhante à nossa, não deve empregar maneiras superiores ou competir com demasiada intensidade.

2) A perseguição e a opressão aos imigrantes despertam em muitos nativos atitudes amistosas para com eles. Os norte-americanos são inclinados a favorecer os perseguidos. A perseguição, a ruína e os maus tratos fazem nascer sentimentos de simpatia.

3) Um terceiro fator importante reside nos rasgos de amabilidades e jovialidade. Se os componentes de um grupo imigratório são corteses, polidos e respeitosos, mesmo quando incompreendidos, despertam a benevolência de tipo racial. Se são úteis, prestativos e praticam boas ações, muito provavelmente despertarão sentimentos favoráveis nos outros.

4) Estreitamente relacionados aos anteriores são os rasgos de confiança e honorabilidade dos imigrantes. É importante que eles demonstrem por si mesmos ser dignos de confiança, à vista de todos, e escrupulosamente honestos.

5) O trabalho duro realizado pelos imigrantes, sempre que não ofereça nenhum gênero de competição, causa boa impressão. A diligência e frugalidade criam sentimentos favoráveis. Os belos feitos, se não têm caráter de competição, servem de base para a amizade.

Os dois primeiros destes 5 fatores dependem diretamente do nacional e os outros três, do imigrante. Um sexto elemento que influi indiretamente é a filosofia de vida do nacional. Se esta é cosmopolita e fraternal, o nativo adquirirá facilmente sentimentos raciais amistosos, sem que para isso tenha que realizar nenhum esforço especial.

ASSIMILAÇÃO

A presença em comum de pessoas racialmente diferentes conduz não só aos conflitos como também à *assimilação*. Em sua significação original, a assimilação pressupõe a adoção por um povo das características culturais e atitudes pessoais de outro povo. Num sentido mais amplo, significa dar e receber; implica na unificação das características culturais e atitudes. As duas raças, a forasteira e a nativa, contribuem mutuamente para a criação de uma síntese de atitudes e valores.

Já se afirmou alhures que o imigrante deveria abandonar suas tradições e costumes e adotar “in totum” os do país para o qual emigra. Se viesse disposto a não agir dessa forma, seria preferível voltar rapidamente para casa ou jamais ter vindo, de maneira alguma. Tal método obriga o imigrante a transferir-se de um para outro grupo, em geral intolerante. Tem que despojar-se de uma cultura e assimilar outra, com a mesma facilidade com que mudaria de camisa. Esta exigência do grupo nativo é baseada na ignorância do desenvolvimento da personalidade humana, assim como num exagerado orgulho racial e egoísmo de grupo.

Outra teoria consiste em afirmar que o imigrante deveria “fundir-se dentro do organismo político”. Deveria lançar-se, com características culturais e tudo, dentro do “caldeirão” e perder a identidade racial dentro do grupo nacional que adotou. Embora haja mérito nesta teoria, ela não toma em consideração os traços da personalidade individual; um imigrante não pode tão facilmente romper suas ligações com o torrão natal, com a recordação da sua infância e com o país em que talvez ainda vivam seus pais e parentes. Ninguém deseja perder a identidade assim de repente e de maneira completa.

A suposição de que o imigrante deveria abandonar e esquecer o mais rapidamente possível a língua materna origina-se de um falso orgulho local. Com sua linguagem original, o imigrante traz um valioso presente para qualquer país. Um grupo

verdadeiramente culto é aquêlo no qual muitos dos componentes falam duas línguas. Através da língua materna, o imigrante abre uma porta para as culturas de todo o mundo. Através da língua que aprendem, os imigrantes ficam capacitados para compreender a língua do país para onde vieram. Através de ambas as línguas, os imigrantes tornam-se os intérpretes da cultura. Se a nova síntese cultural representa as melhores conquistas da cultura das duas raças, o produto será superior a qualquer das partes.

Depois que a teoria da assimilação num "melting pot" se tornou corrente nos Estados Unidos (18), o americano médio descansou tranquilo na crença de que os imigrantes estavam sendo satisfatoriamente assimilados. Em nada o preocupava a circunstância de que em todos os distritos congestionados das grandes cidade os imigrantes viviam em verdadeiras colônias, mantendo limitados contatos com os nativos.

A 1.^a Guerra Mundial tornou evidente para os americanos que, em virtude de sua atitude negligente, milhões de pessoas tinham vivido até então no país sem dispor de nenhuma oportunidade razoável para se tornarem espiritualmente cidadãos americanos. Por isso, foi posta em prática como castigo uma estreita modalidade de americanização; utilizou-se a compulsão, sem que importasse o fato de que a lealdade é um delicado sentimento humano que não se pode forçar. Realmente, quanto mais se exigir dos outros o sentimento de lealdade, mais distante êle se colocará.

Em geral, as crianças são, dentre os imigrantes, os que primeiro se assimilam, vindo em seguida os pais e por último as mães. Os contatos dos pais não são efetuados em condições tão amplas e favoráveis quanto os das crianças. Realizam-se em fábricas e usinas, onde muitas vezes os imigrantes ouvem palavras de baixo calão e obtêm as primeiras impressões da nova cultura (nova para êles) através das imprecações de capatazes e patrões. As escolas públicas e os estabelecimentos sociais vieram, entretanto, salvar a situação, ao ajudarem os imigrantes a aprender a nova língua e a adquirir impressões favoráveis.

As mães são as que, em geral, têm menor número de possibilidades de assimilação. Estabelecem poucos contatos com o país adotado ou sua

cultura, pois muitas vezes ficam circunscritas à vida na própria colônia de imigrantes. Vivem num mundo pequeno e isolado. Felimente, a professora visitante (19) representa para elas uma interessante ajuda. Serve-lhes de amigo e guia útil; leva consigo o melhor da civilização local para a casa da mãe imigrante e sua família.

Estreitamente relacionada com a assimilação é a *amalgamação*, que é a união biológica de povos e a criação de novos estoques raciais. A mistura racial ou *miscegenação* pode realizar-se através do casamento ou fora dêle, ilegitimamente. A amalgamação não pode ser forçada facilmente e é de difícil contrôle. E' um lento processo, de geração em geração, que exige, não raro, vários séculos.

Entretanto, quando ocorre a assimilação, segue-se naturalmente a amalgamação. Quando determinados povos chegam a pensar de maneira idêntica, possuem em certa medida características culturais semelhantes e concedem um ao outro o mesmo *status*, a amalgamação não encontra obstáculos. Por isso, culturas diferentes que contam com representantes orgulhosos resistem o mais possível à assimilação.

Deve-se favorecer a amalgamação de raças que sejam de alguma forma diferentes entre si. O resultado de tais misturas tem sido muitas vezes uma raça mais forte que a dos pais. Os ingleses, alemães, escoceses e irlandeses são exemplos fríantes de povos amalgamados, pelo menos em parte.

Os três fatores principais que parecem influir para a amalgamação, como se demonstra por exemplo num estudo realizado em Nova York (20), são: 1) a preponderância dos homens em condições de casar sobre as mulheres em idêntica situação, com a subsequente procura da companhia em outros grupos; 2) a melhoria na situação econômica, embora sobrevenha uma reação controladora quando atingido o nível econômico médio. O exclusivismo social começa então a agir violentamente e com êxito econômico, reduzindo a proporção de tais casamentos ao nível dos das

(19) Veja-se o capítulo "The Educational Group".

(20) JULIUS DRACHSLER — "Democracy and Assimilation" — (The Macmillan Company, New York, 1920), Caps. IV, V.

(21) Idem, p. 146-148.

(18) Após o aparecimento do drama "The Melting Pot", de Israel Zangwill, em 1909.

classes econômicas mais baixas, se não a um mais inferior; e 3) a diminuição na intensidade da consciência de grupo ou nas ações de solidariedade de grupo (21). Na segunda geração o aumento da proporção dos casamentos a troca é contrabalançado por um decréscimo do "número de nacionalidades com as quais os indivíduos da segunda geração realizam casamentos. Aqui, o afastamento social age novamente com muita força. A segunda geração sofre uma quebra de solidariedade racial com a geração de seus pais, porém é conservada à parte dos casamentos a troca por um exclusivismo geral das outras raças. A proporção de tais casamentos varia no seu aspecto fundamental, segundo o aumento ou diminuição dos contatos sociais amistosos.

A amalgamação de raças muito diferentes nos tipos físicos e a cultura já se realizou ocasionalmente sob condições normais ou favoráveis, como sucedeu no Brasil. Foi levada a cabo fora do casamento ou quando a ela se opuseram de maneira severa os preconceitos raciais e uma opinião pública adversa. Aparentemente, a natureza não se opõe à mistura de raças, mas as regras sociais de muitos países proibem-na. Persiste ainda a velha controvérsia em torno dos "racistas", isto é, dos que sustentam que a raça apresenta ramificações biológicas distintas, existindo raças superiores e outras inferiores. Os dados contra esta teoria preponderam, embora em pequena escala, sobre os que a favorecem. Parece que todas as raças são relações de sangue e que só existe uma raça humana, com assinaladas diferenças exteriores e nas características culturais adquiridas.

Dos grandes países de imigração, o Canadá é talvez o que demonstrou melhor compreensão do problema de assimilação. Estudou as próprias necessidades, determinou os tipos de imigrantes de que necessitava e tomou as providências para que eles viessem — dos Estados Unidos, Inglaterra, Escóssia, Irlanda e países escandinavos. Estimulou oficialmente certas categorias de pessoas a emigrarem, particularmente, aquelas de que tinha necessidade específica. Uma vez dentro do país, as autoridades ajudaram-nas a adaptar-se às novas condições e preocuparam-se em protegê-las contra a exploração. Seus escritórios de imigração e de empregos prestaram serviços gratuitos. Ao minorar as difíceis condições de ajustamento dos imigrantes, o país conquistou-lhes a boa vontade.

A responsabilidade pela não assimilação pertence tanto aos imigrantes quanto aos nacionais. Se o imigrante demonstrar espírito de cooperação e boa vontade para aprender, e se o nacional for tolerante, amável e oferecer oportunidades, a assimilação realizar-se-á mais ou menos automaticamente. As experiências favoráveis em questões vitais influem sobre os imigrantes de molde a transformá-los em cidadãos leais.

Antigamente os Estados Unidos se preocupavam fundamentalmente com os indivíduos, deixando as massas crescerem até se tornarem incômodas. Estiveram ocupados com o desenvolvimento ou exploração de seus recursos naturais, em proveito de uns poucos. Enquanto se apressavam em explorar os seus recursos naturais, as massas — as massas de imigrantes, as massas camponesas e o proletariado industrial — tornaram-se recalci-trantes. O desenvolvimento dos valores materiais realizou-se de maneira tão rápida que se negligenciaram os valores espirituais de boa vontade e lealdade.

Quanto maiores forem as diferenças de cultura e temperamento entre nativos e imigrantes, menos se deverá efetuar a migração se se quiserem evitar os conflitos raciais. Se o imigrante tiver mais desenvolvimento que o nativo, deverá a migração ser realizada em pequena escala, ou de outra forma surgirão os motins. Tais afirmações são ilustradas pelo caso da Palestina, onde os imigrantes, mais desenvolvidos que os nativos, se contam aos milhares, embora o país seja pequeno.

Quanto maiores forem as diferenças de cultura e temperamento entre o nativo e o imigrante, mais cuidado deverá ter este em não tornar-se agressivo. A agressividade de parte dos imigrantes provoca sérios preconceitos e destrói a confiança dos nativos.

Muitas vezes o grupo racial se transforma em quistos, ou seja, estabelece uma cultura à parte. Continua a existir como unidade cultural, especialmente, se rodeado de culturas diferentes. A formação de quistos num grupo racial, ocorre em geral: 1) quando as culturas que o rodeiam são muito inferiores; 2) quando é considerado forte competidor; 3) quando os seus representantes tomam atitudes arrogantes e 4) quando os seus líderes empreendem o caminho da perseguição.

Novas modalidades de ajuda são necessárias num país como os Estados Unidos que são um ver-

dadeiro mosaico de raças. Quando um indivíduo chega a conhecer a história de qualquer raça e a compreendêr as suas lutas e dissabores, torna-se mais amistoso e obtém em troca atitudes também amistosas. Se é verdade que “nas mais altas e baixas esferas do pensamento e da ação tôdas as raças são semelhantes” (22), fica demonstrada a sua unidade essencial e os partidários da democracia podem ter esperanças.

O papel do elemento *híbrido* varia. Algumas vezes é desconhecido por ambos os grupos de que provém, e outras, ocupa o lugar influente. Se a raça predominante toma posição definida contra o híbrido, êste identifica-se com o outro grupo. Se êste tem o sentimento de orgulho racial, o híbrido torna-se uma criatura sem raça e sem país. E' um indivíduo à margem do caminho, perdido no abismo entre duas raças.

Entretanto, se o grupo racial predominante adota uma atitude de tolerância, o híbrido fica em condições de marchar para a frente, pois pode demonstrar características que, aperfeiçoadas no crisol dos conflitos raciais, lhe asseguram uma posição dirigente. Se o número de híbridos aumenta em tais condições superando finalmente qualquer um dos grupos de origem, o híbrido transforma-se na classe governante e o hibridismo é considerado motivo de orgulho.

A *Naturalização* é em parte um processo administrativo pelo qual o imigrante abjura lealdade a um país em favor de outro. Tal processo tem sido realizado e mgeral por métodos formais, obrigando-se os imigrantes a decorarem partes da Constituição e das leis do país. Às vezes êle constitui apenas um estratagema legal. A verdadeira naturalização baseia-se numa mudança real dos sentimentos de lealdade do imigrante, em benefício do país que adota. Tal mudança é efetuada, não através de uma fórmula burocrática e legal, e sim de melhores condições de trabalho, de vida, e melhor tratamento pessoal do que as existentes no país de origem.

A tendência corrente é a orientação no sentido de criar uma base educativa para a naturalização. Nos Estados Unidos existe uma situação curiosa, pois as leis de naturalização apareceram de forma intermitente. A princípio, em 1790, facilitou-se a naturalização fundamentalmente aos “brancos livres”, e mais tarde, em 1870, aos negros. Assim e que se possibilitou a naturalização aos indivíduos das côres extremas — brancos e negros —, ao mesmo tempo que a recusavam aos de côres intermediárias.

Os privilégios da naturalização foram portanto negados aos imigrantes orientais. E' um erro admitir a entrada de representantes de uma raça qualquer e mantê-los depois afastados da participação na vida política do país, recusando-lhes a oportunidade de assumir as responsabilidades inerentes à cidadania. Seria muito mais inteligente estabelecer, através do treinamento educativo e de “tests”, exigências mais ou menos elevadas para a concessão dos direitos de cidadania e sufrágio, permitindo em seguida o gôzo de tais privilégios aos nativos e imigrantes habilitados. Sem dúvida alguma, certos imigrantes atingem um nível mais alto de cidadania do que alguns nativos. Com a capacidade pessoal e eficiência requeridas para a admissão a um país, e com a capacidade pessoal e atividades em benefício da coletividade, como requisitos indispensáveis para o exercício do direito de voto, não seria preciso nenhuma legislação racial discriminatória.

Com o desenvolvimento do nazismo, ocorreu um renascimento do racismo no mundo. Mais uma vez o povo judeu é vítima de incontáveis sofrimentos. Quaisquer que sejam as vantagens do nazismo, ficam limitadas pela raça. Entretanto, mais de uma vez na História tentou-se levantar a bandeira do racismo, chegando-se à conclusão de que não resolvia os problemas da humanidade. Ela pode servir a objetivos locais e limitados, mas impõe restrições ideológicas que não correspondem às leis biológicas e psicológicas e inclusive às sociológicas. Após servir aos seus objetivos de mecanismo de defesa, começa a romper-se em virtude de suas limitações.

(22) EDWARD A. STEINER — “Against the Current” (Fleming H. Revell, New York, 1910), p. 229.